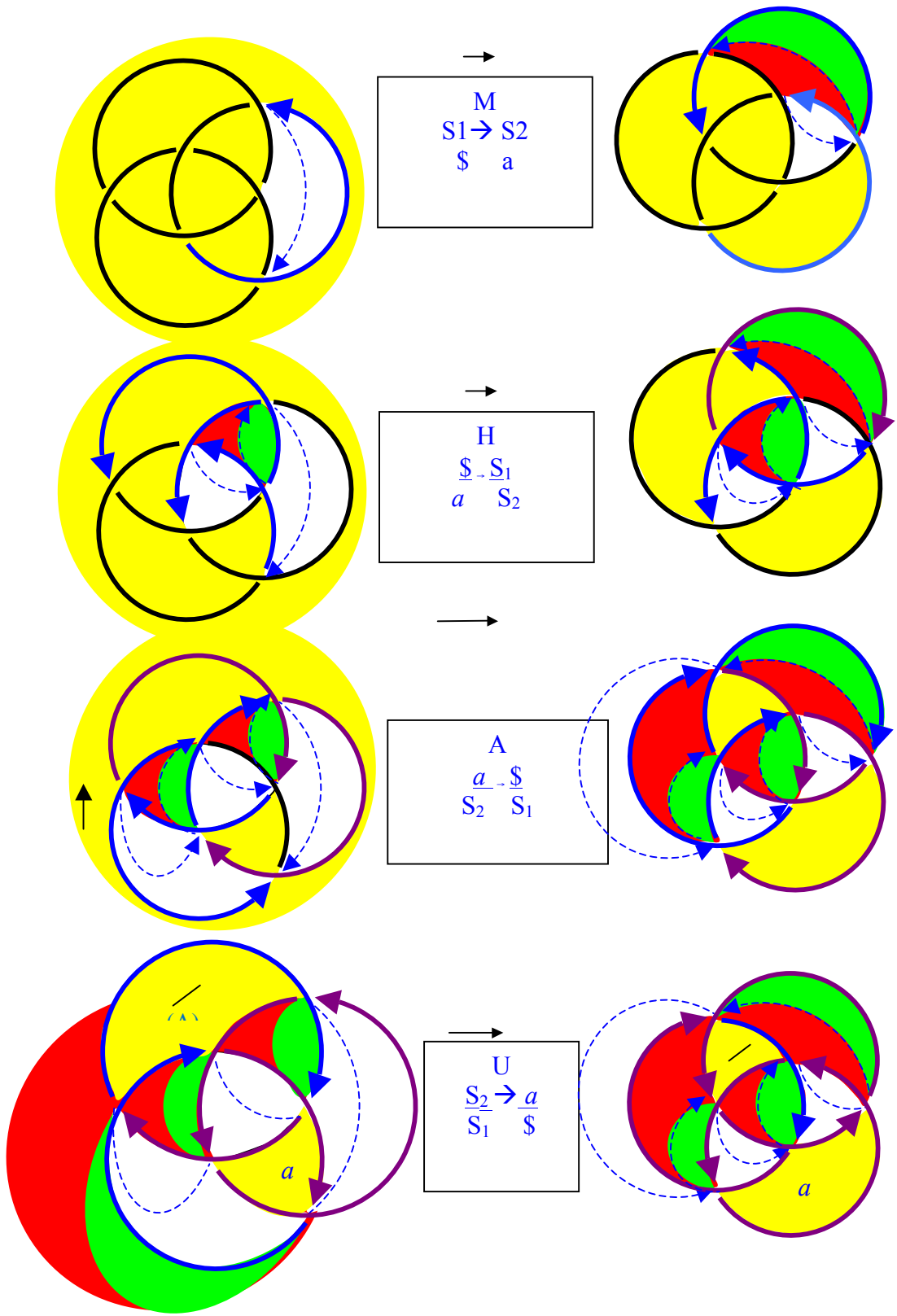


(no original, p. 3 de 12)

*** UMA TEORIA DO NÓ BORROMEU***

Richard Abibon

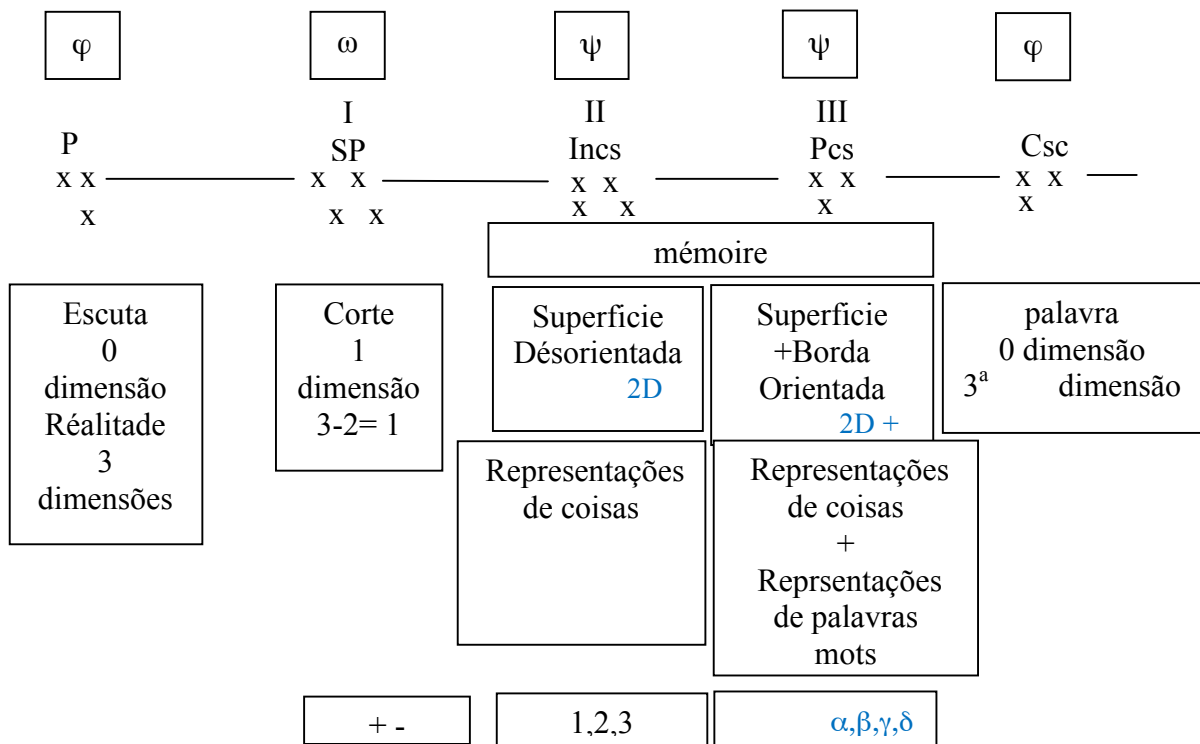
Modelo para a prática analítica? Esquema dinâmico do aparelho psíquico? Nova demonstração do teorema de Gödel?



A escritura seguinte apresenta-se como a sucessão de oito escrituras do mesmo nó. A ser

lida como uma frase, como um movimento dinâmico que alterna palavra (coluna da esquerda) e escritura (coluna da direita); pois quando falo, isso deixa traços mnêmicos. Assim, desenvolvendo minha palavra, não cesso de fazer retornos sobre o que acabo de dizer, enquanto que isso que se inscreve disso que eu disse, não cessa de modular isso que continuo a dizer. Isso que disse se inscreve de duas maneiras: de uma maneira pré-consciente, pela ligação com as representações de palavras, de uma maneira inconsciente pelas representações de coisas (Cf. “/Das Unbewusste/”, 1915.

Partamos do primeiro esquema de Freud, aquele da carta 52:



Esse esquema representa o aparelho psíquico. Freud indica na sua carta que o registro – isso que nomeei acima como “inscrição” – são “pelo menos três”; ele as registrou em algarismos romanos sobre seu esquema. Eu os chamo de escrituras em referência à distinção feita por Lacan entre o significante (representação de palavras) e a letra (escritura – Representação de coisas) em “Lituraterra”.

Qual é a função desse aparelho? Produzir representações que permitam perceber o

imperceptível, isso que não cessa de não se escrever, o /real. Segue-se, por conseqüência, um sujeito, que se representa como aquele que engendrou essas representações. A referência do sujeito, que se representa então, desejante (desejante de que? De perceber o objeto), permanece o objeto a, que não cessa de não se escrever, e que por esse fato, o empurra (é a pulsão) a escrever (representação de coisa), isso que pode ficar inconsciente (as formações do inconsciente são escrituras), e que empurra (é sempre a pulsão) a dizer (por enodamento com as representações de palavra), o que faz tornar-se consciente e pode, desde então, inscrever-se como disponível no pré-consciente.

Conforme o esquema freudiano, devemos distinguir representações de palavras de enunciação. Se o domínio das primeiras é claramente indicado no pré-consciente, o lugar (no esquema) da segunda é esse momento reflexivo onde o consciente reencontra a percepção. Eu me ouço dizer isso. Digo, e é o aspecto motor, eu me escuto dizer, e é o aspecto sensorial. Essa precisão é permitida pelo esquema apresentado por Freud no capítulo 7 da Interpretação dos Sonhos: eu acrescentei a consciência, conforme a localização da carta 52.

Minha teoria do nó borromeu apresenta-se como uma teoria da representação. Ela segue e formaliza as tentativas de Freud no cap.7 da “Interpretação dos sonhos” (1900), de sua “Metapsicologia” (1915), “Além do princípio do prazer” (1920) e os textos teóricos posteriores.

Como se engendra uma representação? Do nó real não se pode dizer nada... mas desde que se coloque em um plano, impõem-se quatro escrituras:

- desenho-

Estas são as representações de coisas, no sentido freudiano do termo. Elas vão nos empurrar a dizer alguma coisa sobre o nó, a produzir representações de palavras. Elas são o produto do reencontro do nó e do plano: são o mergulho de um objeto do qual ignoramos o nome das dimensões (três, talvez...) em um espaço de duas dimensões (talvez, é no só-depois que saberemos o nome das dimensões colocadas em jogo); ou seja, ainda o reencontro entre um Sujeito e um Outro.

Escolhi escrever o nó nessa configuração onde dois círculos determinam um eixo, o eixo de y (alto-baixo), em torno do qual o terceiro círculo pode virar, colocando em jogo a dimensão x (direita-esquerda). Atenção: alto-baixo é a dimensão y da página, a ser distinguida do por alto-alto, dimensão z, perdida.

Com Poincaré (1), chamei dimensão, isso que faz contínuo (furo) entre duas extremidades (pólos, ou bordas) que inauguram o discreto. A dimensão assim colocada se encontra análoga à que Freud chamou os /Wahrnehmungzeichen,/ signos de percepção, primeira discriminação, primeira encodagem da diferença. Assim, minhas escrituras não se preocupam com a medida, mas com a orientação, que se faz em uma relação às dimensões. Alto-baixo se distingue de direita-esquerda: tais são as dimensões do espaço de mergulho.

*AS TRÊS DIMENSÕES DO ESPAÇO-NÓ *

No seio de uma mesma escritura, /lê-se /o vazio (à direita) deixado de um lado pela posição do círculo do outro lado (à esquerda); lê-se porque se lê em relação à outra escritura, na qual o círculo é do outro lado (à direita). A dimensão direita-esquerda (chamo chiralidade, x) não é intrínseca nem ao objeto nó, nem ao objeto plano, ela é engendrada pelo reencontro, ou seja, pela representância: pela função do aparelho psíquico, que produz representações, ou seja, meios de se orientar, de perceber um real, não como tal, mas pelo viés das representações.

Há, assim, engendramento de um nó direito e de um nó esquerdo, e é por isso que há uma dimensão direita-esquerda. É a representação que permite a orientação, e não o inverso. A escritura engendra o espaço da escritura, porque ela engendra ali as características de orientação.

No entanto, o reencontro do Sujeito-nó com o Outro-plano, se ela já permite distinguir logo as escrituras que colocam um círculo à esquerda do eixo, daquelas que o fazem à direita, não autoriza uma tal distinção colocando em jogo alto-baixo. Não há nenhum vazio nessa dimensão. Descobrimos no só-depois, depois desse percurso, representações que nos terão conduzido até uma representação da representância, uma representação do ato de representar. Assimilo então essa dimensão ao recalque originário de Freud. Apresentado desde a origem, não porque esteja lá desde sempre, mas porque engendrado pela escritura de uma maneira não explícita.

Por outro lado, constatamos uma diferença na maneira com que a escritura inscreve como um movimento no nó. Como por uma direita-esquerda, constatamos por uma diferença entre dois tipos de escritura. Isso não gira mais à direita que à esquerda, mas isso gira diferentemente. Essa diferença, nós chamamos levrógiro-dextrógiro, conforme a tração, se bem que esses nomes não sejam apropriados, pois há um nó-direito dextrógiro, e um nó-direito levrógiro. Chamo então *gíria*/, /(g) para simplesmente indicar que isso gira.

Constata-se que se se faz passar um único círculo da direita para a esquerda (segurando fixamente o eixo Y dois outros círculos), passa-se da escritura levo-esquerda para a escritura dextro-direita (e de levo-direita para dextro-esquerda). Chamo “r” esse movimento de retornamento de um único círculo, que muda simultaneamente gíria e chiralidade, g e x, sem tocar à contração (c, veja-se sua definição abaixo).

Enfim, sempre conforme às tradições da escritura, nós deixamos os brancos nos traços que representam os círculos de fio. É uma escolha da modalidade de escritura, escolha de axioma que diz: o pedaço de fio que passa embaixo não é representado na escritura, ele é considerado como /escondido/ pelo BRIN (bout) que passa por cima. Ele é, também menos lisível pelo fato dos cortes que introduzimos no traço debaixo da parte e de outro pelo traço que passa por baixo. A representação cortou lá onde o real não apresenta nenhum corte. Esses vazios nos permitem, lá ainda, constatar que houve engendramento de uma nova dimensão, que representa a dimensão perdida pelo fato do reencontro sujeito-nó/Outro-plano, a terceira dimensão. Lemos esses vazios “encima-embaixo”. Constatamos

graças a eles que, por exemplo no levo-esquerda, o círculo do alto (dimensão y) está embaixo (terceira dimensão, z) do círculo de baixo, enquanto que no levo-direito, ele está acima. O levo-direito está então globalmente o retorno do levo-esquerda, o retorno sendo efetuado segundo o eixo dos y. A dimensão y está sempre ausente da representação: por outro lado, ela funciona lá. Ela faz o papel de /função/ nas transformações de x (esquerda-direita) e as transformações de z (encima-abaixo). Verifica-se mesmo que, se se gira dextro-esquerda, obtém-se o dextro-direito. Chamo Ro esse retornado.

A terceira dimensão não está então ausente, ela está representada; e, o que é mais, representada justamente pelas ausências: por um lado, as rupturas na continuidade dos traços (/aplicação /de nosso axioma da escritura), por outro lado a dissimetria que, entre duas escrituras faz ler de um lado, presença de um círculo por oposição a sua ausência de outro lado (/consequência/ de nossa escolha do axioma de escritura). Como pelas outras dimensões, ela se lê pelo fato da diferença entre duas escrituras: se uma representa o outro virado, é que aquela está enima, o outro embaixo. Contrariamente às outras duas dimensões, sua leitura não é evidente. Se, a nível de um só cruzamento, se lê facilmente qual é o barbante que está encima, em relação àquele que está embaixo, é preciso várias operações mentais antes de perceber que uma escritura representa o retorno da outra. É preciso mentalmente reagrupar os círculos dois a dois, para ver qual está sobre o outro, e comparar com a outra escritura por um reagrupamento semelhante. Essa operação deve se fazer

três

vezes.

Pode-se mostrar que orientando os barbantes por uma flecha, colocada à direita onde a escritura se corta (em um vazio), produz-se uma escritura mais lisível dessa dimensão. O centrífugo se torna o tetornado do centrípeta. É por isso que chamei essa dimensão *centração (c)*. Esse nome não é mais feliz que aquele de gíria, porque segundo o pedaço do traço sobre o qual se coloque a flecha, a mesma escritura /parecerá/ centríguga ou centrípeta.

/

/

-

Desenho

-

É preciso guardar bem no espírito que essas flechas são uma escritura suplementar. Elas são um artefato não necessário, porque é a escritura do nó como tal – e não a escritura das flechas – que produz essa diferença ao mesmo título que outras dimensões.

O retornado Ro é essemovimento que interte chiralidade e centração, x e c, c representante z, a terceira dimensão. Existe ainda um movimento Rs, no qual se invertem todos os cruzamentos mas pela chiralidade: esse não é um retornado objetivo (Ro), mas subjetivo (Rs). Rs inverte a centração e a gíria c e g, mas não a chiralidade, x.

A leitura da gíria e da centração depende da repartição dos vazios à superfície. É uma certa organização desses vazios, um certo enodamento entre eles que permite de ler essas duas dimensões, a escritura do nó, é um enodamento de suas dimensões, sabendo no presente que o espaço nó apresenta duas dimensões originais (c e g) em relação ao espaço euclidiano a três dimensões s, y, z. Essas duas dimensões originais só valem por esse reencontro de um

sujeito-nó e de um Outro-plano. Ela vale pela intrínseca desse reencontro, e não além disso. Esse estudo porta então sobre o intrínseco do mergulho, ou seja, sobre a escritura do nó, e não sobre o intrínseco do nó.

Por outro lado, isso que vale para todo fato de escritura, é esse engendramento de um novo espaço. Ou seja: a representação pela escritura não é semelhante ao real, ela engendra um outro real, que chamamos comumente a realidade, essa onde cada um vem a se orientar, pelo fato de sua lisibilidade. Essa realidade é um fato de escritura, ou seja, um efeito dessa linguagem que colocamos no início sob a forma de uma axiomática. É por isso que essa representação do fato de escrever pode se ler como um modelo do aparelho psíquico.

Ela vale para todo fato de escritura: por que cada vez que se apresenta uma axiomática, ou seja, um conjunto de elementos com as leis de transformação de um em outro, deduzem-se teoremas, ou seja, um espaço de linguagem que se desenvolve mecanicamente a partir de dados de base.

Lacan faz uma outra demonstração em “A carta roubada”. Seguindo uma seqüência aleatória de ocorrência de + e de -: discriminação mínima de /uma/ dimensão, que representa os /signos de percepção /freudianas. Codifica-se essas ocorrências em um percurso retrogradiente: cada nova ocorrência se chamará 1,2 ou 3 em função das duas ocorrências precedentes, segundo o caráter simétrico (+,+,+), dissimétrico (--+,+--,++-,--+), ou identitário (+++,---), da seqüência de três assim formada. Isso engendra as leis de sucessão de 123 que são causadas apenas por esta escolha de escritura. Elas se apóiam sobre o real dos + e dos -, mas isso não é os + e os -, mas em um discurso ordenado por suas próprias leis. Criou-se um espaço de escritura 123 a três dimensões, onde um contém uma dimensão suplementar escondida (a dissimetria, que se desdobra). A encodagem dos 123 em alfa, beta, gama, epsilon, seguido a um espaço a quatro dimensões, munido de outras leis que, por sua vez, só são dadas a essa escolha de escritura.

Essa encodagem representa a cifragem dos signos de percepção pelo inconsciente, que, por umas relações, engendra as representações de coisas. É lá onde meu espaço-nó permite compreender em que a perda de uma dimensão do Real engendra pelo menos um espaço a três dimensões, mais uma, nas “duas dimensões” do plano. É por isso, segundo o ponto de vista, que se pode ler o inconsciente como tendo duas dimensões apenas, se se quer falar da superfície do Outro-plano (as duas dimensões escondidas, gíria e contração: o recalco) ou quatro, se se quer falar do espaço que se engendra pelo fato do reencontro do sujeito-nó, Outro-plano (acrescentando-se aí a dimensão x, chiralidade, da enunciação – consciência, e y, o recalco originário).

Mostrei, em outros momentos, (“Uma teoria da dimensão”) como o espaço-nó podia se representar à maneira do espaço euclidiano por um cubo onde as bordas são os movimentos que permitem passar de uma escritura a outra, os ângulos sendo essas escrituras (porque há a quatro formando um tetraedro inscrito no cubo). Isso que dá uma idéia da escritura da maneira onde o aparelho psíquico organiza o espaço que percebemos. Mas, quanto ao modelo do aparelho psíquico, ele pode se representar sob a forma disso que ele é ele mesmo: um nó borromeu. Sua escritura apresenta, com efeito, um corte do espaço de mergulho em oito zonas. Isso permite considerar os cruzamentos como torções que fazem

passar de uma face a outra, representando os movimentos Ro, Rs, e r...

- desenho -

ABIBON - 2ª parte - 12/07/2007

p.7

O “grande nó” representa a função, a torsão, aqui representada teoricamente tal como se dá uma representação dela mesma, no centro (desenho da esquerda). Esse grande nó é uma representação da torsão como tal: o nó borromeu representa o cruzamento, ou ainda mais precisamente, todas as possibilidades de cruzamento tal como se articulam umas com as outras pelo fato da escritura. Ele define também os “cheios”, zonas ocupadas pelos objetos produzidos pela função, e os vazios, representando a função enquanto tal, no momento onde ela funciona: nenhuma escritura pode escrever o movimento enquanto tal, ela só escreve o estado inicial e o estado final (como duas faces), com o espaço entre os dois, as duas faces de um vazio que se pode ler como a única escritura possível da função como tal. Temos então definido a superfície do palmo do nó. Ela só é uma superfície sobre a qual se inscreve essas letras que são as escrituras do nó. Essas são escrituras que determinam essas zonas como superfícies: a superfície é uma escritura, objeto produzido pelo fato da escrita, movimento que só se escreve em sua ausência, nos furos. Em outras palavras: o Sujeito só pode se representar a si mesmo na divisão. Não lhe é possível esperar uma escritura “uma” dele mesmo. Escrevendo-se, ele já se escreve quatro.

Palavra e escritura

Até agora, só evoquei a função da escritura. Ora, um sujeito, ele fala. Qual é então o lugar da palavra nessa teoria da escritura? Fazer teoria, é escrever. Podemos encontrar uma escritura da palavra que se insere nessa teoria da escritura? Existe justamente uma quarta operação da qual não falei ainda, o RENVERSEMENT, Escrevo a letra grega ... porque ela se pronuncia em francês exatamente como a operação de RETOURNEMENT objetivo.: Ro. Somos então introduzidos a uma das operações fundamentais da interpretação analítica, portanto sobre a homofonia. A escritura distingue duas letras, lá onde a enunciação não o permite. É o trabalho do analisando de se dar conta que, a um certo momento, uma palavra ou uma proposição mais complexa que ele enuncia pode se escutar de uma outra maneira. Sua enunciação única engendra pelo menos dois significados.

O RENVERSEMENT é o movimento de rotação de uma escritura do nó sobre ela mesmo. Ela inverte a quiralidade: o círculo da direita passa para a esquerda, levando aquele de

baixo a passar para cima e aquilo de cima a passar para baixo. Não há nenhuma mudança no encima-embaixo. E entretanto, obtemos uma escritura que é exatamente a mesma que aquela do retournement objetivo, Ro:
 - desenho -

A enunciação única, ... como Ro, somente engendra um único significado, uma única representação de coisa; eu havia invertido a dimensão y, alto-baixo, e entretanto, eu não sabia disso. O movimento está lá, representando o dizer, mas ele não se inscreve. É isso que acontece quando produz uma das manifestações do inconsciente, lapsos, sonho, atos falhos ou sintoma. Em análise, a função da interpretação consiste em obter uma inscrição desse dizer que revela também a dimensão escondida y, a dimensão inconsciente que tinha sido colocada no movimento. Um único traço basta (einziger Zug) para distinguir as duas escrituras, representando o corte interpretativo.
 - desenho -

Posso operar esse corte sobre cada uma das escrituras do nó estendendo até quatro dimensões a estrutura de meu espaço-nó. A partir de qualquer uma das escrituras do nó, pode-se escrever três outras duplas duplos, representando os três elementos sobre os quais portam a interpretação, segundo Lacan (“L’*étourdit*”): homofonia, gramática, lógica. A superfície de palma se divide em duas em cada uma das zonas cheias. Os vazios serão igualmente divididos, porque se não distinguimos duas escrituras, é porque elas são vindas de dois movimentos distintos, Ro e
 Posso então escrever tranquilamente minhas oito escrituras do nó nas quatro zonas **DEBOULEES (erreur : c’est dédoublées, divisées par deux)** da superfície de palma. Mas isso seria não levar em conta a particularidade da palavra, onde posso dar conta por uma outra propriedade da escritura do nó. Observemos inicialmente que as três operações ..., Ro e Rs *tpca*, a escritura do nó globalmente os seis cruzamentos são afetados pela transformação. O movimento r, por outro lado, tendo efeito sobre um único círculo, só implica quatro cruzamentos sobre seis. É um movimento local. Seu caráter parcial nos introduz à particularidade do objeto e à castração. De fato, se as três primeiras operações dão cada uma uma só representação, o movimento r pode dar três, porque é possível retornar cada uma dos três círculos. convemos de um prolongamento de nossa axiomática a fim de estudar o fenômeno. Escolhi em função do discurso psicanalítico. Na metapsicologia (Triebe und Tribschicksale), Freud indica o que são as três polaridades da vida psíquica: eu-objeto, ativo-passivo, prazer-desprazer. Essas são três dimensões, que farei corresponder às três dimensões iniciais do espaço-nó, antes do aparecimento da dimensão inconsciente: ativo-passivo=quiralidade, x; eu-objeto=centração, c; prazer-desprazer=gíria, g. Isso determina uma superfície de palma inicial a duas colunas apenas: o sujeito que se identifica ao movimento, apenas se determina através de duas operações, Ro e Rs, aquelas que fazem passar globalmente do eu ao objeto, e do prazer ao desprazer. Assim, o eu e o objeto são duas superfícies, duas representações, colocadas em valor pelo prazer e o desprazer, que são os furos. Esse destaque se determina por uma movimentação, uma inversão da dimensão ativo-passivo, a quiralidade; isso será o movimento r que inverte as dimensões x e t, de modo que não é possível dizer se é a pesquisa do prazer que empurra para a ação ou a fuga do desprazer que empurra a evitar a atividade. Nesse movimento, a dimensão c eu-objeto não é afetada; trata-se de procurar o

prazer procurando se completar pelo objeto.
Portanto, a colocação do movimento vai mudar as regras do jogo, e o sujeito vai ser levado a fazer seu luto do objeto, depois de se dar conta das divisões nas quais ele se situa como eu, e as divisões nas quais se situa o objeto que descobrira pouco a pouco seu caráter parcial desvelando a castração.

Distingamos dois movimentos r:

1 – a palavra que põe em jogo explicitamente a dimensão x (o círculo da esquerda passa à direita), sem se dar conta de que isso afeta também a dimensão g (prazer-desprazer). O círculo gira em torno do eixo y formado pelos dois círculos auto e baixo sem que eles se movimentem.

.....

2 – A escritura que põe em jogo a dimensão x e a dimensão y: o círculo embaixo à esquerda passa para baixo à direita. É a interpretação que, à partir da palavra, abre a homofonia, precisa a gramática, e introduz a diferença lógica, permitindo inscrever duas escrituras da mesma enunciação. Esse movimento faz “sugir” a figura do nó no plano, explicitando a colocação da dimensão y.

Tempo lógico

A palavra, é a instância de “ver”, o ato pelo qual é possível se colocar um julgamento: disse isso, não disse aquilo. “Isso não é minha mãe.” A escritura é o tempo para compreender que, de fato, tendo dito isso, disse também aquilo: sob uma forma negativa, é sempre minha mãe que acabo de evocar. Posso distinguir entre duas escrituras do objeto, aquelas d censura que negativiza, aquela da interpretação – aqui, gramatical, portanto sobre a negação – que positiva. Meu eu é dividido: por meu desejo que me dirige em direção a esse objeto, e pela proibição do incesto que eu, entretanto, integro e que respeito, isso então testemunha a censura. É o momento de concluir e de dizer isso que acabo de achar, isso que me precipita em um novo instante de “ver”, que vai também revelar uma outra divisão, que vou inscrever por sua vez.... etc... Orientemos os círculos pelas flechas, de modo a inscrever esses momentos de retorno da escrita sobre a palavra, depois da palavra sobre a escrita. O REVERSEMENT de um círculo se liga então como o momento de concluir querendo fazer estado de saber que foi elaborado anteriormente (flecha amarela a ser lida de maneira regressiva) no tempo para compreender. Mas é também o tempo de ver que isso é dito deixa escapar uma verdade que não prevê o saber, engendrando uma nova inscrição e um novo tempo para compreender (flecha azul, PROGREDIENTE). Chega, em seguida, um tempo para ler a verdade na palavra que se avança de maneira progrediente, enquanto que a escritura faz ato dessa verdade de maneira regrediente, constitutiva do saber inconsciente.

A palavra é esse momento mesmo do mergulho do Sujeito-nó no Outro-plano. O saber elaborado no tempo para compreender, é a ligação que se faz entre as representações de coisa e as representações de palavra, que Freud tinha colocado no princípio do devir consciente. É essa escritura que permite distinguir entre alto e baixo, entre Ro e ..., explicitando a colocação da dimensão inconsciente y. Eu representa então os significantes, as representações de palavras, por esses círculos de fios que fazem movimento, um movimento de retorno progrediente ou regrediente, bordejando uma representação de coisa, um saber, uma superfície. Eles tema adimensão única (x) do caráter linear do discurso, movendo-se entretanto EM COURBURE de retorno em uma superfície, de modo a se fechar em torno do significado que ele trata de apreender (o eu e o objeto, superfícies a duas dimensões); essa COURBURE encerra também um vazio que testemunha o aspecto prazer-desprazer (inversão da gíria) colocada em questão.

Nota				da			tradução:
MIS	E	N	Jeu	–	colocado	em	questão
Moi				–			“eu”

p. 10

É preciso distinguir aqui os significantes de sua enunciação. Essa se produz na instantaneidade do instante de “ver”, evaporando-se logo que ela se produz, exatamente com o sujeito. Em minha escritura teórica, a enunciação é representada pelo ponto de cruzamento: isso que justamente não cessa de não se escrever, “sob” o o BRIN do “embaixo”. Pode-se, entretanto, ler uma representação nos furos entre as superfícies, representação da dimensão perdida do fato da enunciação, a terceira dimensão perdida pelo fato da escritura. A interpretação, escritura da palavra, divide a representação da coisa, a superfície, permitindo a escritura de dois objetos diferenciados que estão até ali confundidos. Escrevo essa divisão por um traço pontilhado encontrando os dois cruzamentos externos colocados no movimento. De uma parte a outra desse trato escrevem-se, nas zonas de cheios, as duas escrituras diferenciadas, nas zonas de vazios, as duas operações Ro e ..., que têm cada uma, produzido uma dessas escrituras (ver mais acima, escritura de direita). As zonas de cheio e de vazio se trocam no momento de cada movimento. Falar é abrir a boca, abrir um furo pelo qual se mete “fora” isso que tinha sido elaborado “dentro”. Escolhi representar o instante da palavra por uma escritura onde uma das superfícies se situa “em fora” os limites do nó: falar, é se fogar no vazio, é aceitar de colocar em jogo isso que se acredita saber, com o risco de o ver invalidado por aqueles aos quais se dirige – ou desmentido pelo Outro intrínseco. É aceitar colocar em jogo mais do que se acredita. Acredita-se saber isso que se vai dizer, e se fica surpreso de se escutar dizer outra coisa: consciência e percepção se reúnem no instante da enunciação; é por isso que tenho atribuído essa dimensão zero no esquema da carta 52. A enunciação é representada pelo ROND esvaziado de seu saber, sua superfície sendo jogado no exterior. Fazendo isso ela se torna indefinida: não se sabe mais se ela tem limites ou não. Ela representa então o saber inconsciente que pode nesse instante fazer derrapar a palavra em um lapso, uma inversão gramatical, uma contradição lógica. Nas condições da análise, o analisante percebe isso que vem também à consciência, e ele escreve, dividindo a representação da coisa em duas partes desiguais. Uma escrita como

uma superfície de dois ângulos, representa as representações de coisa circunscritas pelas representações de palavra. A outra, escrita como uma superfície de três ângulos, representa isso que, no percebido, não vem à consciência. Uma parte disso que foi dito não foi entendido, impondo-se como coisa real no seio das representações de palavras. É o recalcado, que vai empurrar para nova PRISE da palavra, divisando ainda essa superfície em duas partes desiguais. A repetição dessa série de seqüências poderia ser perseguida até o infinito. De fato, ao fim de três operações, se se respeita o axioma da escritura proposta no início, percebe-se – como no tempo lógico – que se chega de volta à configuração do início, tendo sido possível inscrever o corte nas três zonas de cheio e três zonas de vazios. Toda a operação suplementar só faz redobrar os cortes nos lugares já marcados, sem jamais passar pela quarta zona de cheio, nem a quarta zona de vazio. O corte se recortou a si mesmo, terminando o vazio. Não se pode, então, dividir a quarta escritura do nó. Nosso espaço-nó se reduz às sete escrituras, no lugar das oito que a teoria prevê. Essa oitava escritura, é o objeto a, causa do desejo... de continuar a girar em círculos, sabendo então, agora, que o tratamento terminou, - porque isso é isso aí, o fim da análise – que é impossível de se inscrever. Essa escritura impossível é a relação sexual, a relação do Sujeito-nó com o Outro-plano, escrito teoricamente pelo “grande nó” necessário, contendo todas as escrituras possíveis, considerando as contingências do fato de escrever. E por isso que considero esse teorema como uma outra demonstração do teorema de Gödel: todo sistema fechado só pode se construir sem chegar a um indecidível ou a uma contradição.

O reencontro do Sujeito-nó com o Outro-plano se produz com uma perda, aquela da terceira dimensão. Sem cessar de não se escrever, ela encontra, entretanto, como se fazer representar no psíquico (como a pulsão) pela centração (sobre o moi ou sobre o objeto, tal como a libido do moi e a libido do objeto). Por outro lado, essereencontro, essa relação sexual, engendra um novo espaço a quatro dimensões onde dois são originais e um inconsciente. Essa última é revelada pelos seis reviravoltas do círculo (três de palavra e três de escritura), porque, não apenas eles atualizaram o impossível da inscrição de uma oitava escritura, mas ainda, eles fazem “subir” a escritura di bpis bi okabim as trÇes ybudades tm que dçai a “medida” do objeto ^a Essas três unidades são determinadas pelas posições do eixo da palavra, x, que a escritura faz subir de uma unidade, a cada colocação de y. Tendo sido estabelecida essa constatação, resta a tarefa de transmitir. É o passe, que acrescenta duas operações suplementares, uma palavra e sua necessária inscrição. Porque trata-se bem de continuar a girar os círculos, com o alívio de saber, presentemente, que só é preciso se deixar ir na descoberta da verdade, essa verdade em que não há verdade última. Faltará sempre alguma coisa, e o saber que se deduz é essa verdade da falta. Por consequência, a única coisa que se sabe, é que não se sabe, e que não existe mais necessidade de um Sujeito Suposto Saber para entender a verdade. As duas últimas operações representam o movimento contínuo da reviravolta dos círculos que podem então se produzir com um outro qualquer, e não apenas com o outro-plano único que era o analista.

Escrevi aqui em 4 linhas o texto de minna análise, cada linha representando um dos 4 discursos de Lacan. É isso que explicarei no próximo texto (veja “A bolsa ou a vida”)

Richard Abibon, 5 de agosto de 2002.

(1)

Henry

Poincaré

“D